

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: ESP

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 03/04/71

Pg.: 13 3300100

O índio acuado não pode sobreviver, diz sacerdote

Um povo que está morrendo; acuado pelas novas estradas que levam, às selvas, exploradores; aventureiros; bandoleiros e doenças; desassistido pela Funai, um órgão público que se burocratizou, se desvirtuou e não tem as mínimas condições de cumprir sua finalidade; faminto e doente; sem condições de integrar-se na sociedade mercantilista que o branco lhe impõe; sem poder sobreviver no seu primitivo sistema de vida, porque, suas tradições e costumes foram violados, e suas terras estão sendo invadidas por fazendeiros.

Assim estão milhares de índios que o padre Antonio Iasi Junior viu em 6 Estados e 2 Territórios Federais, ao longo dos 23 mil quilômetros que percorreu, durante quatro meses. Com a experiência de quem trabalha como missionário desde 1963 e ultimou a pacificação dos "Beißos-de-Pau", o padre Iasi relata toda a miséria e a exploração que sofrem as tribos da Amazônia e faz críticas à Funai, à qual serviu como assistente especial ao tempo em que o presidente da Fundação Nacional do Índio era o jornalista José de Queiroz Campos.

Não sabe o que quer

"Os homens importantes não sabem o que querem de nós". A frase é de Pedro Gregório, um índio canela, morador em um posto da Funai no interior do Maranhão, e poderia servir como resumo do relatório do padre Iasi. O desabafo do índio retrata as divergências entre as autoridades da Funai, quanto à maneira de tratar os silvícolas. Alguns defendem planos para promover a aculturação rápida; outros preferem que os índios fiquem isolados em suas áreas, longe do contato com os brancos. Enquanto se discutem estas questões, os índios permanecem abandonados. Os postos não têm remédios nem pessoal especializado para prestar assistência médica ou social. Os índios vendem seus produtos — farinha, peixe, peles, redes, arcos, flechas — por preços ínfimos e são explorados pelos regatões (mascates) de quem compram açúcar, sal, roupas, e muitos artigos sem valor ou utilidade alguma, por preços exorbitantes. Na troca de mercadorias com os

brancos, os índios são enganados na compra e na venda. São roubados no peso e nos preços.

O padre Iasi pôde comprovar essa exploração e o descaso da Funai para com o índio, logo em sua primeira escala da longa viagem. Foi em São Felix do Araguaia, na Ilha do Bananal. Assim, o padre Iasi relata o que viu: "Foi aí que comecei a ver de perto a mesma odisséia do índio, que já conhecia antes de iniciar a viagem: desatendido pela Funai — que mantém um posto na ilha do Bananal — o índio precisa atravessar o rio para trocar seus objetos por artigos de que necessita. No entanto, trocas por esmalte de unhas e bebida alcoólica.

Invasões

Ainda em São Felix, o padre Iasi ouviu denúncias de que companhias de colonização estão invadindo terras dos Carajás e praticando toda sorte de arbitrariedades.

De São Felix, o padre Iasi desceu o rio Araguaia até o Posto Fontoura: "Aí, os mesmos índios Carajás são melhor atendidos.

Logo abaixo, na cidade de Luciara, outro grupo da mesma tribo vive em completo abandono, apesar de haver uma pessoa paga pela Funai para atendê-los. Além de não atender os índios, não permite que eles entrem em sua casa".

Na escala seguinte de sua viagem, o padre pôde comprovar a situação de miséria e a exploração que sofrem os índios:

"Na barra do Rio Tapirapé existe um posto da FUNAI para atender a outro grupo de índios Carajás, mas sem condição alguma para isso.

Exploração

Entre 1º de junho e 24 de agosto do ano passado, os índios venderam 2.109 quilos de pirarucu seco na base de 20 cruzeiros a arroba. Pouco mais de um cruzeiro por quilo de peixe seco. E pagaram, pela camisa mais ordinária 15 cruzeiros. Eles compram até frascos de extrato de tomate somente para aproveitar o vidro. O conteúdo é jogado fora; não lhes agrada ao paladar..."

Em situação um pouco melhor, o padre encontrou a aldeia dos índios Tapirapé, no rio do mes-

mo nome: "Junto dos índios, vive uma comunidade de religiosas, que os atende na parte de saúde.

"GOOD"

Ainda na Ilha do Bananal, o padre Iasi esteve no posto indígena de Macauba, onde um grupo de Carajás é atendido por um casal de missionários norte-americanos: "Alguns índios me respondem à pergunta se tudo ia bem, dizendo: good"

Em um avião da FAB, o padre foi até as aldeias dos índios Gorotire e cuben-crâ-quein, (gente da cabeça raspada); que recebem assistência de missionários protestantes. Segundo um funcionário da Funai, esses índios possuem reserva de terras, mas ninguém conhece os limites dessas reservas e, sendo assim, não se sabe se elas estão sendo respeitadas. A propósito o padre Iasi tem uma observação: "O problema das reservas indígenas, que começou a ter um princípio de solução na gestão do ministro Albuquerque Lima, ficou totalmente paralisado, desde que tomou posse o atual ministro do Interior: nenhuma área de reserva nova foi estabelecida, não obstante dezenas e dezenas de projetos terem sido aprovados pela Sudam. O problema é amplo: por toda parte há focos de tensão. Há desrespeito pelo que há de mais fundamental dos direitos das populações indígenas — a posse das terras por elas habitadas e o usufruto de seus bens".

Também as terras dos índios gaviões e chicrins, que vivem na região de Marabá, no Pará, estão sendo invadidas. Eles habitam uma área rica em castanhas.

O padre Iasi acredita que esses problemas decorram da orientação do atual presidente da Funai, que afirma: "Vamos atender o índio, sim, mas sem entrar o progresso da região". O padre diz que essa afirmação "é um sinal de que a coisa vai muito mal".

"Eu me pergunto — diz o padre — Acaso a assistência às populações indígenas poderá entrar o progresso da região, ou é exatamente o contrário? Quanto melhor assistidos os índios, maior será o progresso na região"

"Além dessa mentalidade errada — acrescenta — a Funai

tornou-se estruturalmente uma monstruosidade. É um prédio de 40 andares construídos sobre colunas de bambu; uma grande cúpula administrativa que consome a maior parte das verbas orçamentárias, enquanto os postos indígenas estão na miséria".

As grandes estradas

Depois de ter visto os efeitos desastrosos dos contatos dos brancos com os índios, o padre Iasi comenta: "Não sei qual será a triste sorte dos Carajás, uma vez que eles estão na direção da Transamazônica, ou melhor, a diretoria da Transamazônica penetrou na área deles. E, não é apenas o problema dessa tribo e dessa estrada: Existe também o problema de outros índios que habitam as regiões cortadas pela Santarém-Cuiabá, a Porto Velho-Manaus, a Manaus-Boa Vista, e outras mais em execução, sem falar das muitas planejadas, além de uma variante de Santarém-Cuiabá, que vai cortar o Parque do Xingu, já tendo sido criticada pelos irmãos Vilas Boas.

"Não sou contra a abertura de estradas na Amazônia — esclarece o padre. Critico apenas o critério e o modo de se executar tais empreendimentos. Mas, quando 100 quilômetros do traçado de uma estrada valem mais que a vida de 100 índios e, quando esses 100 km ou centenas de quilômetros devem ser executados a toque de caixa — mesmo em se tratando de áreas onde residem índios não pacificados, ou não preparados para escapar à dizimação pelo contágio, que se segue, inevitavelmente, ao contato com as frentes de trabalho — ninguém pode ficar indiferente".

Do Pará, o padre Iasi, viajou ainda para o Amazonas, Acre, Roraima e Rondonia e, em todas as aldeias e postos que visitou, o que ele viu foi quase sempre a mesma coisa: exploração, miséria, fome, doenças. Salvam-se dessa regra geral — segundo observação do padre Iasi — as missões católicas em Tiriós, ao norte do Pará, e Uaupés, ao norte do Amazonas, além de outras poucas aldeias assistidas por missionários católicos e protestantes.